

SERIE MONOGRAFÍAS "LOS BAÑALES"

LAS *CVPAE* HISPANAS

Origen / Difusión / Uso / Tipología

Javier Andreu Pintado

Editor



Primera edición en Fundación Uncastillo y UNED de Tudela: 2012 (con la colaboración de la Fundación ACS, la Facultad de Geografía e Historia de la UNED, el Institut Català d'Arqueologia Clàssica y el Grupo de Excelencia HIBERVS de la Universidad de Zaragoza)

Diseño de cubierta: Miguel Frago

Esta obra recoge las ponencias y otros trabajos presentados al I Coloquio de Arqueología e Historia Antigua de Los Bañales/“*Las cupae hispanae*: origen, difusión, uso, tipología”, celebrado en Uncastillo, Zaragoza, bajo la organización de la Fundación Uncastillo y la UNED de Tudela, entre el 16 y el 18 de Abril de 2010. La reunión científica fue posible gracias a la concesión de una Acción Complementaria (HAR 2009-07263-E/HIST) del Ministerio de Ciencia e Innovación y al apoyo económico del Centro de Estudios Cinco Villas, de la Institución Fernando el Católico, y de la Fundación ACS.

© de esta edición, Fundación Uncastillo
Plaza del Mercado 7, 50678 Uncastillo
Teléfono 976 679 121
www.losbañales.es / www.fundacionuncastillo.com

© de los textos, los autores
© de las figuras, los autores, salvo indicación contraria

Primera edición: Enero de 2012
Coordinación: Javier Andreu
Fotografía de cubierta: *Cupa* de *Chresime* en la necrópolis de la ciudad romana de Los Bañales (Foto: J. Andreu)
Maquetación e impresión: Urdanizdigital, Tudela (Navarra)

ISBN13 978-84-615-6200-8

Depósito legal: DL Z-121-2012

A propósito das *cupae* do *conventus Pacensis*

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO*

Universidade de Coimbra

I. Introdução

Sendo o túmulo concebido, desde sempre, como morada para a eternidade, é natural que os familiares —quando não o próprio defunto em vida— deixem transparecer o seu gosto pessoal e a sua concepção de vida além-morte na forma do monumento, na sua decoração e nos dizeres que vão perpetuar a memória do ente querido.

Reflecte-se, pois, no sepulcro, em todas as épocas da História, quer esse gosto e ideologia religiosa quer as modas estéticas dominantes local ou regionalmente, aspecto em que o papel das oficinas epigráficas é também fundamental.

Uma análise do significado do túmulo pressupõe, pois, o seu enquadramento na época a que respeita, numa tentativa de se descobrir o que pode estar por detrás da adopção dessa forma, dessa decoração, desses formulários...

Se determinado tipo de sepulcro é próprio de determinado estrato populacional —resposta passível de obter-se através da análise onomástica do defunto— constitui desafio aliciante; mas não pode levar, decerto, a conclusões garantidas, tantos podem ser os vectores a ter em consideração.

Esses, os tópicos que poderemos abordar, ao ver exemplares de *cupae* do *conventus Pacensis*, na Lusitânia, e a onomástica que neles se patenteia. Há as *cupae* estilizadas da zona costeira meridional e as *cupae* ‘realistas’,

* Esta investigação insere-se no quadro da investigação levada a efeito como membro do grupo “Epigraphy and Iconology of Antiquity and Medieval Ages” do Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto (Unidade de Investigação 281 da Fundação para a Ciência e a Tecnologia).

em forma de tonel, do interior. Há ausência de decoração, decoração para simular melhor as pipas de vinho e decoração simbólica...

A forma de abóbada (de *cupula*) pode, em meu entender, radicar também numa solução arquitectónica das casas subterrâneas do Norte de África —porque, insisto, o túmulo tem de ser entendido como... morada para a eternidade!—.

II. O túmulo, mansão para a eternidade

Já tive ocasião de acentuar este aspecto de ser fundamental ver-se no túmulo o reflexo da mentalidade de um determinado grupo social ou de uma determinada época¹.

Se a majestade da arquitectura dos castelos do Loire encanta o olhar do emigrante português, que, regressado à sua terra natal, procura imitar na casa nova que edifica esse estilo sumptuoso, de inesperadas torres cónicas, não admira que vejamos, nos jazigos que ladeiam as alas dos nossos cemitérios, réplicas em miniatura das altaneiras e caprichosamente trabalhadas frontarias das catedrais —que o túmulo, tal como a catedral é casa de Deus, constitui, por certo, a casa do espírito—. E não é sem obrigar a detença que, no cemitério do Père Lachaise, vemos que os restos mortais de Alan Kardec, pai do Espiritismo, repousam em tumba em forma de dólmen, na ligação multissecular das mentalidades...

Imagina-se também o túmulo como uma outra casa, aonde se pode entrar e conviver, vivos e defuntos. Retomaram os arquitectos neoclássicos essa ideologia e essa estética, que nos deixa pensativos, por exemplo, na visita às necrópoles de Isola Sacra, com antecâmaras para refeições: “A vida é breve, frágil a esperança: entrai! A lareira está acesa: enquanto houver luz, vamos beber, companheiros!”². Uma das *cupae* de argamassa de Isola Sacra tem fachada como se de uma casa se tratasse (Fig. 1); no

¹ ENCARNAÇÃO, J. d'.: 2009, 19-23.

² *Vita brevis spes fragilis venit. Accensus est. Dum lucet, bibamus, sodales: CIL III, 12013.3, ILS 8607*. Frase gravada num copo, procedente de contexto funerário, em Klagenfurt (Áustria).

Museu de Londres, há urnas cinerárias quais casas em miniatura (Fig. 2)³. AE 1985, 287, de Spinazzola (Bari), dá conta de que o domínio funerário do médico Cléon consta, ali, de *ager, domus, hortus* e *sepulchrum*, ou seja, uma pequena casa destinada ao guarda, o túmulo propriamente dito, cuja manutenção era assegurada pelos rendimentos de um campo e de um horto, acrescentando-se que o defunto levou para a sua última morada (*hic*) a recordação dos prazeres que conheceu durante a vida: [*hic habet*] *reliqua omnia secum...*

Aliás, tudo isso está bem patente, por exemplo, numa das citadas ‘mansões’ da Isola Sacra: o liberto *Tiberius Claudius Eutyclus* manda erguer túmulo para sua mulher, *Claudia Memnonidis, coniux benemerens*, para si, seus filhos, seus libertos e libertas e para toda a descendência (*sibi liberisque suis libertis libertabusque posterisque eorum*), mas tudo fica bem acautelado:



Fig. 1. *Cupa* de argamassa de Isola Sacra com fachada como se de uma casa se tratasse



Fig. 2. Urna cinerária, qual casa em miniatura. Museu de Londres

³ Em Poza de la Sal, há “monumentos oikomorfos” sobre que se debruçaram ABÁSULO, J. A., ALBERTOS, M^a L., y ELORZA, J. C.: 1975, que escrevem a concluir: “somos de la opinión de que tanto las ‘estelas-casa’ como las ‘aras-casa’ se inspiran en construcciones clásicas de tipo ‘templar’ (votivo o funerario) simplificadas en su ornamentación y reducidas en su aparato arquitectónico” (ABÁSULO, J. A., ALBERTOS, M^a L., y ELORZA, J. C.: 1975, 86). Não fazem, porém, uma ligação expressa entre essa representação e o desejo de se representar mesmo a “mansão para a eternidade”.

que o espaço não pode entrar em partilhas (*hoc monumentum heredem non sequetur*)⁴ e que estão garantidos os acessos em toda a volta (*itu ambitum*), com dimensões bem precisas: *in fronte p. XV in agro p. XV*. No Museu de Sarsina se mostra um lintel de jazigo onde se gravou: *in fronte p. CX*, 110 pés de frente, ou seja, aproximadamente, 33,50 metros!⁵...

III. A decoração

Assume a decoração dos sepulcros, em todas as épocas, significados diversos.

É, amiúde, simbólica: no actual cemitério de Montemor-o-Novo (Alentejo, Portugal), vêem-se aqui e além, sobre as campas, colunas partidas —assim se quebrou o fio vital que mantinha o defunto de pé...—. Na região de León (Espanha), o tema do banquete funerário é recorrente nas estelas romanas: assim se pretende mostrar que, afinal, o ente querido está presente e ali partilha a refeição com os demais⁶.

Contudo, nesse mesmo cemitério, a campa de um jogador profissional de futebol está ornada de uma bola e dos distintivos dos clubes por onde passou. E nesse mesmo Alentejo, terra de vastas propriedades agrícolas, não é raro ver-se, no frontão do jazigo de abastada família de agricultores, esculpidas em relevo, as alfaias agrícolas que lhe proporcionaram fortuna e bem-estar; como, na sepultura de um camionista português, nas proximidades de Poitiers, é a réplica de um camião que lhe colocaram por cima. Nestes casos, portanto, a decoração é distintivo de profissão —tal como na *cupa* do *Marmorarius* de *Pax Iulia* (IRCP 269) se gravou o cinzel, para justificar o nome, derivado da profissão exercida em vida—.

⁴ MARCOS, R. M. de F.: 1987.

⁵ Sobre esse tema de indicação dos espaços, ver VAQUERIZO, D., e SÁNCHEZ, E.: 2008.

⁶ Curiosamente, esta decoração predomina nesta zona da Hispânia e está quase ausente do resto do território peninsular. Creio que tal se deverá a influências veiculadas pelos militares, acantonados em *Legio*, que do Oriente trouxeram essa iconografia. Vide exemplos dessas representações em ABÁSOLO, J. A.: 1974.

Sobre o túmulo, já vimos, se põem palavras. Identifica-se o defunto (nome, idade, parentesco), grava-se um desejo —*sit tibi terra levis*—. Mas, outras vezes (sem falarmos já dos epitáfios em verso), as frases denunciam ideias, deixam transparecer filosofias... Ontem, como hoje. No cemitério de Bragança, num livro em memória de Jorge dos Santos Pimparel, que a morte arrebatou com apenas 32 anos, lê-se uma quadra popular, de rude paginação:

Lindo botão de cravo floriu
Que tão cedo desfolhou
Tinhas tão bom coração
Que Deus pró céu te levou

O uso da segunda pessoa, no diálogo entre os vivos e os mortos, tal como nos textos romanos: *Qui legis ave perlegisti salve!*⁷... a tornar presente a concepção de uma perenidade para além da morte física.

E uma ideia também acerca do que será esse Além. Hoje como ontem. Numa lousa sepulcral, no cemitério de Cascais, lê-se apenas:

1 Pedro 1 : 3
Atos 24 : 15

É o bastante! De uma forma simples se proclama a pertença do defunto às Testemunhas de Jeová e qual a sua convicção: “Tenho esperança em Deus de que há-de haver ressurreição” (*Actos*, 24, 15).

IV. Os estilos

A visita a um cemitério actual mostra claramente, primeiro, que em cada região, por influência da oficina local, a tipologia da maioria dos monumentos sepulcrais tende à uniformização; e que os formulários e a decoração assumem características próprias.

⁷ ENCARNAÇÃO, J. d'.: 1987.

Las *cupae* hispanas: origen, difusión, uso, tipología

Creio, pois, que esse raciocínio se deve ter também em relação à Antiguidade Clássica e, de modo especial, no que concerne aos aspectos diferentes dados às *cupas* por todo o Império Romano, ainda que mantendo uma identidade: a de ser mais ou menos cilíndrica e de se destinar a uma colocação à vista, sobre a sepultura.

Assim, no que se prende com o *conventus Pacensis*, temos dois tipos bem evidentes⁸:

- No litoral sul, a forma cilíndrica é lisa, assente sobre um soco, que serviria para cobrir directamente a sepultura, à superfície do solo; o epitáfio é gravado num campo epigráfico quadrangular, obtido por rebaixamento da superfície no dorso do monumento, junto a um dos topos (Fig. 3).
- No interior do *conventus*, o monumento toma a forma —que eu chamo ‘realista’— de barril, chegando os *lapidarii* ao pormenor de marcarem os aros das aduelas e, nos topos, rasgarem partes de circunferência para se obter ainda maior semelhança aos barris usados para o vinho. Há também um soco, para aplicação sobre a sepultura. O epitáfio é gravado no dorso, entre dois pares



Fig. 3. *Cupa* de forma cilíndrica lisa, do litoral sul do *Conventus Pacensis*. *IRCP* 44

⁸ Retomo aqui a síntese que apresentei em *IRCP*, p. 825-826, eco, aliás, do que eu próprio escrevera em 1979 (ENCARNAÇÃO, J. d'.: 1979, 31-32).



Fig. 4. *Cupa de Pax Iulia* (IRCP 307): epitáfio gravado no dorso, entre dois pares de aros de aduelas

de aros de aduelas, que limitam lateralmente o campo epigráfico, delimitado superior e inferiormente por ranhura paralela à base (Fig. 4)⁹.

Tem sido essa variedade de formas a motivar duas amplas discussões: uma, sobre a designação a dar a este tipo de monumento; outra, sobre o seu significado.

Foi J. Cardim¹⁰ quem mais pormenorizadamente debateu a questão, manifestando-se favoravelmente à designação de “cipo de secção arciforme”, perante o facto de se ter deparado com designações como: “de feitio abaulado”, “em forma de arca”, “em forma de baú”, “em forma de caixão”, “meio-cilindro”, “semicilíndrico”, “meia coluna”, “tampa de máquina de costura”, “tampa de sarcófago”, “tumba”...

⁹ Aproveita-se a oportunidade —na sequência de uma sugestão havida no decorrer da discussão— para informar que as cupas saídas das oficinas epigráficas de *Aeminium* (Coimbra, *conventus Scallabitanus*) mais se assemelham ao que poderíamos designar “arcas dos tesouros de piratas” (ENCARNAÇÃO, J. d’.: 1979, 32): há como que uma tampa abaulada, por vezes separada mesmo da parte inferior (que é em forma de caixa rectangular) e, até, com a fórmula *D · M · S* aí gravada. Ver Fig. 5.

¹⁰ CARDIM, J.: 1974-1977, 306-308, nota 34.

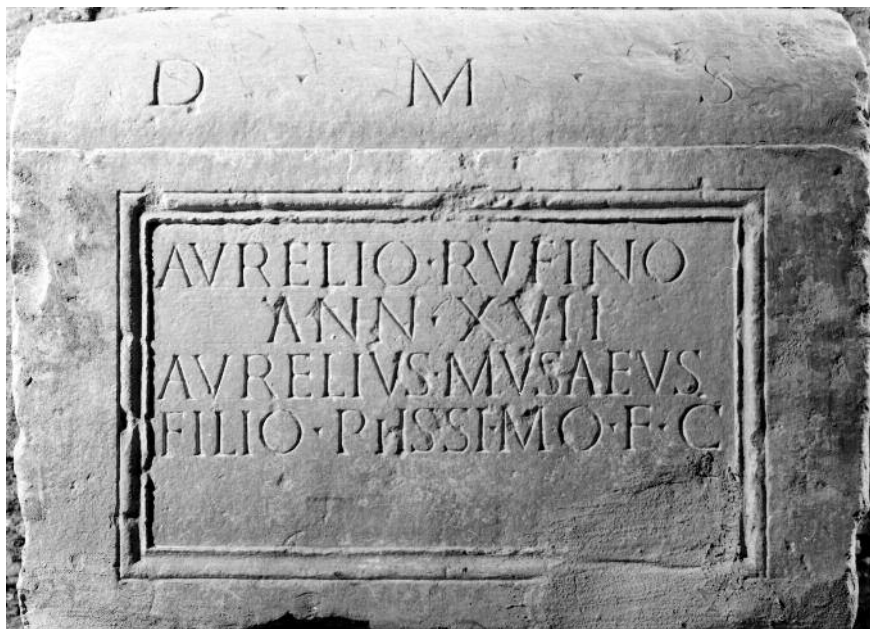


Fig. 5. *Cupa* de Aeminium (Coimbra, *conventus Scallabitanus*), do tipo “arca dos tesouros de piratas”. *CIL* II, 368

D. Julià¹¹, embora refira que há o nome generalizado de “cupa” (“tombes monolithiques en forme de tonneau ou de demi-cylindre appelées *cupae*”¹²), opta, no título do seu artigo, pela expressão “monuments funéraires en forme de demi-cylindre”.

Atendendo ao facto de haver, apesar das diferenças estilísticas, uma tónica comum, eu sou partidário de que o termo latino *cupa* deve ser traduzido à letra em cada um dos idiomas e, por esse motivo, desde logo optei por tal designação; é a que preconizo, e argumento com o que se passa com a identificação dos estilos arquitectónicos. Assim, o românico adoptou características regionais em França e, mesmo em Portugal, o românico do Norte distingue-se do do Centro do País. O mesmo se diga em relação ao estilo gótico. Porque não, então, usar idêntico raciocínio para as cupas? E a tradução literal do vocábulo latino afigura-se-me, para além do mais, passível de atribuir ao monumento a universalidade que ele, na realidade, detém, nas variadas regiões do Império Romano.

¹¹ JULIÀ, D.: 1965.

¹² JULIÀ, D.: 1965, 29.



Fig. 6. Ala do criptopórtico de *Aeminium*

V. O significado

A segunda questão que se tem colocado é a do significado da adopção dessa tipologia. Claro que a forma de *cupa*, barril para transporte de vinho, levou imediatamente à ideia de que se queria simbolizar a disponibilização para o defunto de uma considerável quantidade de vinho, precioso néctar de que se continuaria a inebriar na eternidade. A ideia fora proposta, aliás, por W. Deonna (Cannes 1880-Genebra 1959), em artigo publicado em 1946: assim se simbolizaria «la boisson sacrée dont le défunt s'enivrera dans l'au-delà»¹³, mais um testemunho, de resto, em seu entender, do culto à divindade indígena gaulesa *Sucellus*, de que o barril era atributo¹⁴.

¹³ DEONNA, W.: 1946.

¹⁴ DEONNA, W.: 1946, 120.

Na mesma linha de pensamento seguiriam outros investigadores, nomeadamente J. M^a Blázquez, que chegou a relacionar essa forma com o culto a Diónisos¹⁵.

Com efeito, pese muito embora essa convicção, recentemente retomada por R. Étienne, na obra que assinou com F. Mayet a propósito do vinho hispânico¹⁶, eu estou em crer que, também neste caso, o túmulo pretende ser, simplesmente, a imagem do lar confortável em que muito nos aprazeria viver. Como assim?¹⁷

Visitar Matmata, hoje, no dealbar do século XXI, por mais prevenidos que estejamos, não deixa de nos causar surpresa, ainda que, bem depressa, compreendamos a razão pela qual esses berberes tunisinos, já quase na franja do deserto, preferem ser trogloditas, cavar no solo as casas abobadadas e aí repousarem e se protegerem das intempéries. Admirar-nos-emos também se, no hotel, nos propuserem dormir em camarata comum, no subsolo, sob um tecto de abóbada perfeita. A cobertura em abóbada era, aliás, recordamos de imediato, a cobertura corrente nas casas alentejanas típicas —onde a tradição árabe foi predominante—. E ao olharmos para uma ala do criptopórtico de *Aeminium* (Fig. 6), não temos, na verdade, essa sensação de conforto, de segurança e, até, de perenidade? Não estamos quase a ver uma *cupa*... por dentro?

Para mim, portanto, as *cupas*, mais ou menos alindadas, em determinado momento por graça ‘transformadas’ em barricas, quando já se lhes perdera o significado inicial, nada mais são do que a recordação dos tempos idos, passados no Norte de África, daqueles que para aqui vieram viver¹⁸. Aliás, D. Julià salientou, de facto, essa origem africana: “Les *cupae* de Barcelone et de Tarragone nous offrent, donc, un exemple, assez unique en Espagne, d’un type de tombeau probablement venu d’Afrique, qui [...] se prête, sans renier ses origines, aux variations plus ou moins personnelles des ateliers de sculpture locaux”¹⁹.

¹⁵ BLÁZQUEZ, J. M^a.: 1962, 163.

¹⁶ ÉTIENNE, R., y MAYET, F.: 2000, 54-58.

¹⁷ Retomo aqui o texto que inseri em ENCARNAÇÃO, J. d’.: 2009, 21.

¹⁸ Cf. BLÁZQUEZ, J. M^a.: 2001, 214.

¹⁹ JULIÀ, D.: 1965, 54.

Recuemos milénios atrás: quando chegaram a essas paragens norte-africanas, não terá sido esse viver algo que muito impressionou os Romanos? Plínio-o-Velho, na sua *História Natural* (5, 45), não afirma, com um certo espanto, que *Troglodytae specus excavant; haec illis domus*, “os Trogloditas cavam cavernas, essa é a sua casa”? E morrer, enfim, não é como... voltar ao ventre da Terra-Mãe?...

É escassa a decoração que nos surge nas cupas do *conventus Pacensis*, sendo notável excepção a *cupa* de Alcáçovas (*IRCP* 427) que tem num dos topos a pátera e o *praefericulum* e, no outro, dois peixes estilizados. Há, contudo, *IRCP* 308, em que, num dos topos, identifico agora uma folha de feto (*Pteridium aquilinum*, L.), de folículos enrolados (Fig. 7), de que encontro paralelo no gracioso capitel achado nas reservas do Museu de Faro e que, mui provavelmente, terá vindo da Quinta de Marim (Fig. 8²⁰), feto que, apresentando-se sempre de folhagem persistente e viçosa, pode bem representar uma esperança no futuro, numa existência que continuamente se renova, símbolo de perenidade. Ora, essa decoração não é alheia à de estelas funerárias identificadas nas províncias romanas de África. E a profusa decoração da *cupa* de *Patricia* (*IRCP* 50) patenteia igualmente esse paralelismo²¹.

VI. Os defuntos

Recordou D. Julià²² que, pela análise da onomástica que fez dos monumentos que estudou, lhe parecera ter sido este monumento, nos séculos II e III d. C., próprio de “uma classe bem determinada da população”: “L’étude onomastique des *cupae* nous révèle donc un milieu relativement

²⁰ ENCARNÇÃO, J. d’.: 2006(b).

²¹ Permita-se-me que relembre as malogradas peripécias de vida de *Firmidius Peregrinus* falecido em Mértola e que teve epitáfio numa *cupa*, casado que foi com *Caecilia Musitia Uticensis*, que ele sepultou em Serpa (ENCARNÇÃO, J. d’.: 2000, 1292-1294), mais uma prova desta grande ligação entre África e o *conventus Pacensis*, corroborada também com o testemunho da presença de um soldado mirtilense, *L. Messius Fructus*, da 1ª coorte urbana, em Sidi Amor Kaabachi, nos confins de Gafsa, o oásis mais setentrional da Tunísia (KHANOUSSI, M.: 1994, 1346-1349).

²² JULIÀ, D.: 1965, 54.

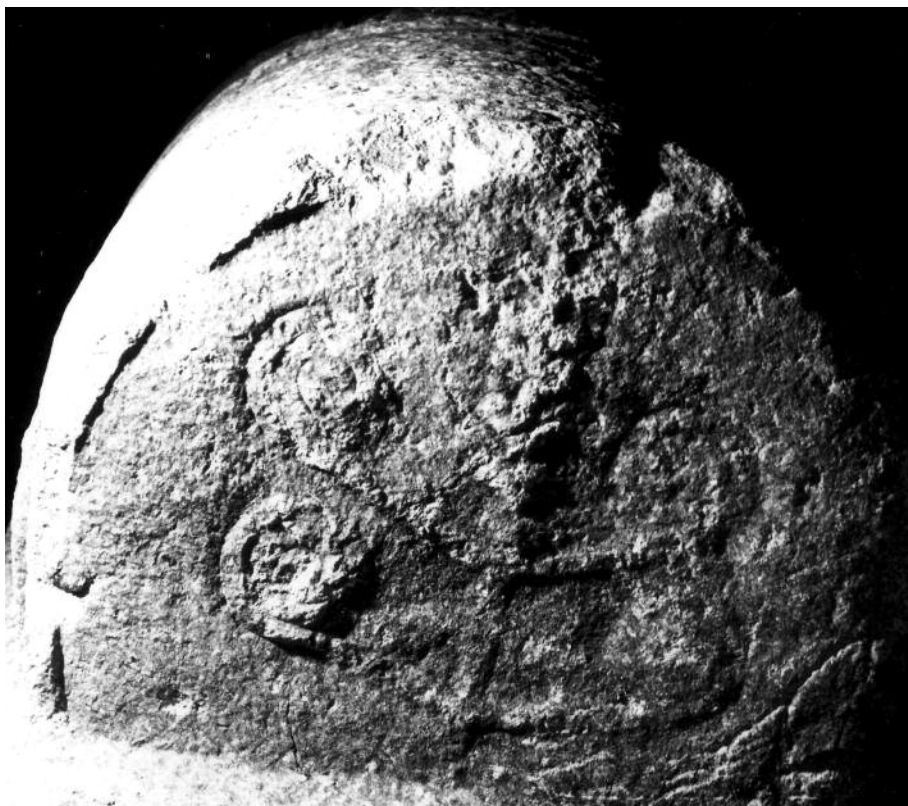


Fig. 7. Cupa de *Pax Iulia*, em que, num dos topos, pode identificar-se uma folha de feto. *IRCP* 308

homogène d’esclaves, d’affranchis et des descendants d’affranchis dont les liens avec l’Orient hellénisé paraissent plus que probables, sans qu’il soit cependant possible de les préciser davantage”²³. A realidade do *conventus Pacensis* vai no mesmo sentido.

Na franja meridional, a onomástica grega está bem patente em cupas: *Diodora* (*IRCP* 44), *Patroclus* (*IRCP* 41), *Pompeia Exoce* (*IRCP* 65)... E na cidade de *Pax Iulia*, onde a *cupa* representa o monumento funerário por excelência, é elevada a percentagem de indivíduos que nele figuram, cuja onomástica evoca ressonâncias orientais, passíveis de se relacionarem, com muita probabilidade, a um estrato populacional de libertos ligados a actividades comerciais: *Herennius Priscus* manda lavrar epitáfio a *Iulia Cleopatra*, provavelmente sua mulher, ainda que a ligação de parentesco seja

²³ JULIA, D.: 1965, 45-46.

significativamente omitida (IRCP, 261); Afrosa tem idêntica atitude em relação a *Lucius* (?) *Apollonius Molon*, seu marido? Companheiro? (IRCP 250); *L. Clodius Barbario* é o pai de *L. Iul. Herennianus* (IRCP 254)... Temos um *Mercator* (IRCP 313), um *L. Iulius Polibius* (IRCP 307), um *Iul. Primio* (IRCP, 274)... *Oricillo* manda lavar epitáfio *Florice Agate, cum quam vixit communes annos XXXXII mense I* (IRCP 259).

Sirva-nos este último texto, pleno de ternura na sua formulação —“com a qual viveu em comunhão 42 anos e um mês”— para reforçar a ideia de estarmos perante um ambiente de famílias estruturadas, não necessariamente do ponto de vista jurídico, mas sobretudo no plano —que é o mais fundamental— dos afectos. E essa ideia vem ao encontro do que já G. Fabre²⁴ sentira que transparecia largamente dos monumentos funerários de libertos que teve ocasião de analisar e de que me fiz eco em IRCP²⁵: “G. Fabre (1981, 191-195) chamou a atenção para o facto de os epitáfios de libertos sublimarem a atmosfera de concórdia, fidelidade e pudor que lhes envolve a vida conjugal. Sem o primor dos epitáfios romanos apresentados por aquele historiador, pensamos que na epigrafia do *conventus* se poderão detectar indícios dessa atmosfera, que ultrapassam a singeleza da fórmula estereotipada”.



Fig. 8. Capitel do Museu de Faro, com decoração de fetos estilizados

²⁴ FABRE, G.: 1981, 191-195.

²⁵ ENCARNAÇÃO, J. d'.: 1984, 771.

VII. Conclusão

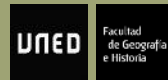
Como se pode ler no texto de J. Cardim Ribeiro e R. Campos, inserto neste volume, as *cupas* do *ager Olisiponensis* situam-se num outro patamar cronológico: predominam no século I da nossa era, enquanto as *cupas* do *conventus Pacensis* serão datáveis do século II e talvez algumas até do III. Naquelas são os cidadãos romanos que são sepultados; nestas, escravos e libertos, de preferência. Contudo, não se me afigura que o significado de “mansão para a eternidade”, de imitação de casa confortável e segura aí não esteja também presente. E os resultados dos mais recentes trabalhos arqueológicos de emergência no perímetro urbano de *Olisipo* trouxeram mais um dado para esta problemática: houve aí *cupas* em *opus laeteritium* e, nalgumas delas, um dos topos ostentava lápide semicircular de mármore com o epitáfio. E mesmo que algumas dessas placas houvessem sido apostas como tampas de lóculos num eventual columbário, também a sua forma é indício de que a parte superior desses lóculos poderia ser abobadada. Uma tipologia, portanto, que longamente perdurou²⁶.

O tema, porém, não fica esgotado aqui, disso estou certo. É que, na verdade, esses túmulos epigrafados, a imitar tão bem os barris de vinho, quando (digo eu) se perdeu a noção inicial do seu verdadeiro significado, suscitarão, sem dúvida, a imaginação dos Antigos — e não deixarão, tão cedo, de alimentar conjecturas, elucubrações e a fantasia, sempre fértil, do Homem, ao confrontar-se com tão estranho simbolismo no, sempre misterioso, território da Morte!...

Uma certeza me parece que se pode ter, porém: é que, sob esta imagem miniatural da cúpula celeste, o homem sentir-se-ia resguardado, no repouso eterno — como desejou viver...

²⁶ Cf. CAESSA, A., e ENCARNAÇÃO, J. d'.: no prelo.

PATROCINAN



COLABORAN

